

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 04. UM VERDADEIRO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL, Ao P. Poupart

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 04. UM VERDADEIRO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL, Ao P. Poupart. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/47>

This II is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

#### 4. UM VERDADEIRO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Ao P. Poupart<sup>94</sup>

*A carta seguinte é dirigida ao P. Poupart<sup>95</sup>, diretor espiritual do seminário de São Sulpício. Como data tem só o ano de 1839, o último ano da estadia de Libermann em Rennes. Não se chega a saber quem é o seminarista nela referido.*

*O conteúdo da carta tem interesse para todos os que se dedicam ao acompanhamento espiritual, como agora se diz. Reproduzimo-la por inteiro. Ela descreve-nos em pormenor o método de direção espiritual utilizado por Libermann com os seus dirigidos, como então se dizia.*

Vivam Jesus e Maria!

1839

Meu caríssimo padre em Nosso Senhor,

Que Jesus, o nosso único tudo, seja o mestre absoluto e a única vida de nossas almas, a fim de que nelas só Ele viva e reine em união com o seu Pai, no meio da dor, do abatimento, da destruição e do aniquilamento de toda a nossa miserável natureza, que não é senão pecado e abominação à vista dele.<sup>96</sup>

Recebi, já há muito tempo, uma carta do Sr. F<sup>97</sup>. E é a propósito dela que lhe escrevo. Estou muito contente por ter esta oportunidade de saber o que pensa acerca daquilo de que lhe vou falar. Já por mais duma vez estive para o consultar sobre este assunto, que me tem dado que pensar. Queira examiná-lo diante de Deus e dizer-me o que lhe parece.

Em sua carta o Sr. F. pede a minha opinião sobre como fazer oração e, em termos gerais, como proceder. Não vale a pena relatar aqui em pormenor a resposta que lhe dei; de certeza que você virá a sabê-la; peço-lhe que, ao

<sup>94</sup> LS II, pg. 386-390.

<sup>95</sup> Cf. índice onomástico.

<sup>96</sup> Estas palavras pessimistas compreendem-se melhor lembrando que Fr. Libermann vivia nesse momento uma provação física, moral e espiritual muito difícil.

<sup>97</sup> Trata-se de um seminarista acompanhado pelo P. Poupart, e de quem Libermann vai falar.

*Antologia Espiritana*

menos, o solicite a dar-lhe conhecimento dela. Agora, dir-lhe-ei apenas a razão pela qual achei que ele devia fazer como lhe indiquei. Creio e espero da misericórdia de Deus que, se ele fizer como lhe digo nessa carta, não deixará de se santificar e de fazer grandes progressos.

Pareceu-me que não seria ainda oportuno que ele se pusesse já a fazer um tipo de oração que prescinde do recurso às considerações<sup>98</sup>, ou seja, aquela oração que, indo por um caminho simples e puro e, desligando-nos completamente dos sentidos, nos une a Deus só pelo poder da fé. Creio que esse patamar nunca pode ser para os principiantes, porque estão habituados a agir em tudo pela imaginação. Eles ainda não estão suficientemente desprendidos dos sentidos e só agem pela via das sensações. Isso faz com que esbarrem com muitos obstáculos insuperáveis para entrarem em contacto com Deus de modo direto e sem o auxílio da imaginação e dos sentidos, a não ser que Deus os atraia fortemente por esse caminho. É mesmo assim, fá-lo-ão de maneira sensível, isto é, muito embora não sigam a preceito as considerações, é uma representação intelectual de Deus, de que desfrutarão, e à qual se unirão, aquilo que acabam por sentir na sua imaginação. Claro que isto vale, sem dúvida, mais que as considerações. No entanto, a não ser que Deus os atraia com muita força, não chegarão a libertar-se completamente dos sentidos.

Creio que, nos começos, Deus se conforma à nossa fraqueza e se comunica à nossa alma de uma maneira sensível; quero com isto dizer que se comunica à nossa imaginação e aos outros sentidos interiores, e que nos atrai a Ele por meio das considerações.

Quando, por essa via, já nos tiver purificado dos nossos sentidos e desprendido das sensações e deleites, quando já tiver enchido o nosso espírito de fervor, de desejos de santificação e de renúncia a nós mesmos e a todas as coisas, então Ele retira-se pouco a pouco lá bem para o nosso íntimo, distancia-se dos sentidos, e age de modo mais puro, mediante a fé que Ele comunica às faculdades íntimas e totalmente espirituais de nossas almas. Esta fé é sempre acompanhada da caridade; tudo é insensível e se opera no mais íntimo e mais puramente espiritual de nossas almas.

<sup>98</sup> Fala-se aqui várias vezes de “considerações”. É a palavra usada por Libermann para designar a meditação, que põe em ação o espírito e a imaginação, de acordo com um método mais ou menos diferenciado consoante as escolas espirituais. Assim, há o método de São Sulpício, para ajudar os principiantes. A “meditação” deverá levar à contemplação, forma de oração mais simples e menos discursiva.

*Congregação do Espírito Santo*

Este momento em que Deus deixa de comunicar-se pelos sentidos é, segundo creio, o mais crítico e o mais decisivo para uma alma. Ela julga-se perdida ao não sentir já a sua união com Deus, crê que é infiel e que Deus a abandona. Corre então o grande risco de cair no desalento, nas incertezas, nos escrúpulos e noutros males inqualificáveis. Se souber renunciar a si mesma, consegue superar todas as dores e dificuldades, e chega à verdadeira vida interior e contemplativa; se não tiver a prática da renúncia, se em vez disso se buscar a si mesma, começa a regredir pouco a pouco e algumas vezes torna-se mais imperfeita e pior do que antes.

Em tudo isto parece-me que o mais importante é deixar Deus agir nas almas, acompanhar a sua ação e esforçar-se por levá-las a serem fiéis a esta ação divina, deixando toda a margem de liberdade a Deus, e não o contrariando minimamente com subtilezas, imperfeições e com uma ação pessoal demasiado vincada. É por isso que tenho habitualmente procedido assim. Tenha a bondade de examinar diante de Deus esta minha maneira de proceder e de me dar o seu parecer.

Quando via uma alma cuja meta parecia elevada, isto é, uma alma que me parecia chamada à perfeição da vida interior (e almas assim há mais do que se pensa) começava por transmitir-lhe uma ideia elevada da perfeição cristã, a fim de que ficasse impressionada e como que arrebatada. Eu agia assim porque Deus estava dentro dela a atraí-la com muita força. Ao ver a sublimidade e a beleza da perfeição cristã, ela ficava extasiada e num desejo incontido de chegar a esse patamar tão belo e admirável.

Em seguida, procurava mostrar-lhe a perfeição no seu conjunto e em toda a sua extensão, tanto quanto me era dado por Deus fazê-lo. Tinha de deixar passar algum tempo até poder ir ao particular e dar a essa alma uma orientação prática adequada ao seu estado. Logo que me era facultado o acesso ao interior dessa alma, e mal Nosso Senhor mo dava a conhecer, eu observava os seus pontos fracos, e era aí que atacava. Mas nessa altura, procurava afastá-la da demasiada agitação, da precipitação, da confusão, da ansiedade, etc., e fazer que estivesse serena para, assim, poder estar sempre na presença de Deus e deixar-se conduzir mais por Ele. Essa paz dispunha-a pouco a pouco à vida interior, e levava-a sempre à contemplação, assim como à renúncia.

Insistia muito e com força sobre a renúncia interior e total, apresentan-

*Antologia Espiritana*

---

do-a até como o alicerce da paz, de tal modo que essas almas estivessem constantemente a renunciar a si mesmas e a purificarem-se. Acreditava que isso era o que mais convinha aos principiantes, e durante muito tempo nunca lhes falava de oração. Não sei se fazia bem; mas pensava que, já que buscavam ter uma vida interior e ser totalmente despojados, Deus aperfeiçoaria neles o espírito de oração, e porque viviam sempre em paz, em serenidade interior, com moderação e simplicidade de espírito, não deixariam de conhecer e seguir Deus e as suas inspirações.

Quando eram eles próprios que me falavam da oração, então eu sondava os seus gostos interiores e a sua maneira de fazer oração; procurava retificar o que me parecia defeituoso, mas deixava-lhes margem de ação. E parece-me que pouco a pouco chegavam a essa oração pura de fé e de união com Deus só pela via da contemplação.

Admirava-me como frequentemente me falavam de coisas que se passavam neles e que eram pura contemplação, e isso sem que eu nunca lhes tivesse dito uma palavra para levá-los a esse estado. Então, dizia-lhes que podiam continuar a fazer assim e a manterem-se nesse estado; tudo isso sem insistir, mas deixando-os seguir a sua inclinação interior, sem lhes dizer de que tipo era esse modo de fazer oração. Mais tarde, quando as coisas se tornavam interiormente insensíveis, e não havia já condições para fazer as considerações (porque até este momento faziam ainda considerações, pelo menos muitas vezes, exceto quando Deus se declarava de modo tão forte que os impedia de as fazerem), quando eles já não sentiam gosto pelas considerações e eu não via que delas viesse fruto, comprometia-os com esse modo tão simples de andarem com Deus, e levava-os a alimentarem na fé a sua união com Ele.

São estes, meu caro padre, os pontos sobre os quais peço que me dê a sua opinião, depois de você mesmo os ter examinado diante de Deus. Teria ainda um monte de coisas a dizer-lhe, mas que não me ocorrem agora.

Na caridade santíssima de Jesus e de Maria, sou o seu pobre servidor.

***Francisco Libermann***